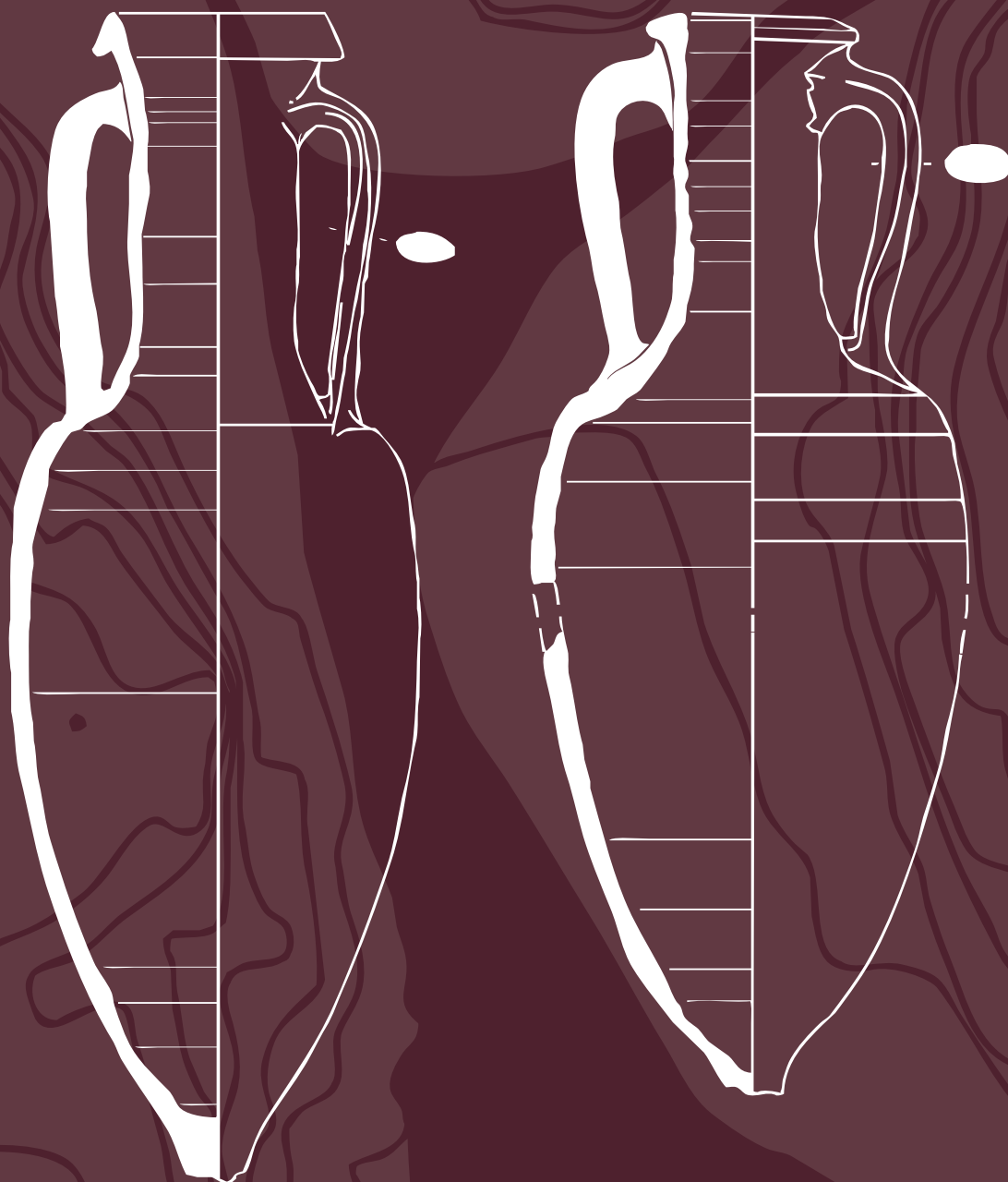


LISBOA
ROMANA — FELICITAS IULIA OLISIPO

O território e a memória



Sumário

7 Apresentação

8 Nota Introdutória

Parte I

10 *Terra Mater Olisiponensis*
MÁRIO CACHÃO;
MARIA DA CONCEIÇÃO FREITAS,
COORDS.

11 Introdução
MÁRIO CACHÃO;
MARIA DA CONCEIÇÃO FREITAS

12 Uma cidade com os pés
bem assentes na terra
MÁRIO CACHÃO;
MARIA DA CONCEIÇÃO FREITAS;
CARLOS MARQUES DA SILVA

20 O mar de *Olisipo*
ANA MARIA COSTA;
MARIA DA CONCEIÇÃO
FREITAS; JACINTA BUGALHÃO;
MÁRIO CACHÃO;
ANDRÉS CURRAS

40 As riquezas do *Ager Olisiponensis*
MÁRIO CACHÃO;
CARLOS NETO DE CARVALHO;
MARIA DO ROSÁRIO CARVALHO

68 Referências

75 Notas Biográficas dos Autores

Parte II

76 *Olisipo: Espaço e Memória*
AMILCAR GUERRA,
COORD.

77 *Olisipo: Memórias de um território
nos confins do mundo romano*
AMÍLCAR GUERRA

80 As origens de *Olisipo*:
uma perspectiva sobre a Idade
do Ferro na cidade e seu entorno
ANA MARGARIDA ARRUDA; ELISA SOUSA;
ANA SOFIA ANTUNES

98 Questões míticas, literárias,
toponímicas e étnicas
da Lisboa pré-romana
AMÍLCAR GUERRA

112 Os primórdios da implementação
romana em *Olisipo*
JOÃO PIMENTA

124 A construção da província
da Lusitânia e *Felicitas Iulia Olisipo*:
onde as vias se cruzam
AMÍLCAR GUERRA

140 O fim de um tempo; o princípio
de outro: *Felicitas Iulia Olisipo*
entre romanos, bárbaros e cristãos
PAULO ALMEIDA FERNANDES

150 Referências

156 Notas Biográficas dos Autores

INDATII
EPISCOPI
CHRONICON,
ET
FASTI CONSVLARES.

Operâ & studio IAC. SIRMONDI
Societatis IESV Presbyteri.



LVTETIÆ PARISIORVM.
EX OFFICINA NIVELLIANA.
Apud SEBASTIANVM CRAMOISY, via
Iacobæa, sub Ciconiis.
M. DC. XIX.
Cum Privilegio Regi Christianissimæ.

3

A₁

O fim de um tempo; o princípio de outro. *Felicitas Iulia Olisipo* entre romanos, bárbaros e cristãos

PAULO ALMEIDA FERNANDES

O último governador romano...

Segundo o bispo Idácio de Chaves, e de acordo com o texto daquele prelado cronista editado por Alain Tranoy, Lisboa foi ocupada pelos suevos em 468.

Impõe-se um esclarecimento sobre a data em que este facto terá ocorrido: o texto de Idácio, editado por Th. Mommsen, em 1894, coloca o acontecimento em 469, mas como salientou Alain Tranoy, e não obstante as interpolações identificadas no manuscrito que chegou até hoje, o facto vem mencionado imediatamente antes da notícia do falecimento do papa Hilário, que sucedeu ainda em 468 (Tranoy, 1974, vol. I, p. 88). Por estas diferentes edições, alguns autores situam a transição de poder em *Olysipona* naquele ano de 468 (Orlandis, 1987, pp. 45 e 54), enquanto outros aceitam a data tradicionalmente sugerida de 469 (Alarcão, 1994, p. 63; Maciel, 1996, p. 61, entre outros).

Não era a primeira vez que os suevos dominavam a cidade da foz do Tejo. Pelo menos em 457, o rei Maldras já o tinha feito, aparentemente num contexto de disputa pela liderança do reino contra o pretendente *Framtanus*. A novidade trazida pelo ano 468 está no facto de o poder ter sido entregue aos novos senhores

bárbaros por um cidadão hispano-romano, o *praeses Lusidius*, sem aparente necessidade de confronto. Aquele acto significou o fim do vínculo de Lisboa à autoridade imperial e a abertura de um novo capítulo administrativo, que haveria de durar até ao fim do reino visigótico, em 711-714.

Variam, porém, as interpretações sobre a forma como a transferência de autoridade foi feita e as suas motivações. As abordagens historiográficas equacionam a traição (Tranoy, 1974, vol. II, p.126; Leguay, 1993, p. 54), a conivência (Caetano, 2007, p. 105) ou a ameaça militar (Silva e Man, 2012, p. 397). Idácio, tal como Isidoro de Sevilha - que neste ponto seguiu o relato do bispo de *Aquae Flaviae* - associou ao acto protagonizado por *Lusidius* a palavra *tradente*. Manuel Justino Maciel entendeu que este termo poderia subentender a “traição” ou a “rendição” do último governador romano da cidade (Maciel, 1996, p. 61, nota 458). E Amancio Isla Frez sugeriu que o facto de Idácio não ter qualificado *Lusidius* como *nobilis* ou *honestus* (termos reservados aos mais altos dignitários romanos do seu tempo) se deveu possivelmente à condenação com que o cronista encarou a entrega de poder aos suevos (Isla Frez, 2007, p. 12). Como salientou Mário de Gouveia, Idácio foi, acima de tudo, um hispano-romano,

FIG.1

Página de rosto da edição, em Paris, de 1619, da *Crónica* de Idácio de Chaves (créditos de imagem: © Paulo Almeida Fernandes).

uma voz de resistente romanidade contra a presença sueva na *Hispania* (Gouveia, 2012, §3), mais adepto dos visigodos, por estes serem federados do império e actuarem cirurgicamente em prol da manutenção das estruturas romanas, apesar das muitas acções destrutivas protagonizadas por estes últimos contra as comunidades autóctones.

Estou em crer que a dupla leitura da palavra *tradente* pode até ser a interpretação mais consensual. Por um lado, naquela década de 60 do século V, a antiga província da *Lusitania* viveu um contexto de antagonismo militar, o que pode justificar a “rendição”. Por outro lado, é possível isolar alguns dados que sugerem a existência de uma colaboração entre *Lusidius* (e certamente a elite romana dirigente de *Felicitas Iulia Olisipo*) e os anónimos agentes suevos que passaram a exercer a liderança na cidade, o que, aos olhos do hispano-romano Idácio, poderia configurar um acto de “traição”.

Comece-se pelo primeiro aspeto. Nos anos 60 do século V, a formação política sueva recuperava ainda da humilhante derrota imposta em 456 pelo rei visigodo Teodorico II. Naquele ano, os godos, à época agentes federados do império romano e instalados sobretudo no atual sul de França, invadiram o reino suevo, saquearam Braga e perseguiram e executaram o rei Requiário (o primeiro monarca bárbaro a converter-se ao catolicismo e também o primeiro a cunhar moeda própria, ainda em prata). Esta drástica medida punitiva pôs fim às ambições hegemónicas dos suevos sobre as cinco províncias romanas peninsulares e levou à concentração preferencial daquele povo na *Gallaecia* e na *Lusitania*, porém sem dominar a capital desta última circunscrição: Mérida. Com efeito, esta cidade havia sido um relevante ponto de apoio suevo, onde o rei Réquila havia falecido (448), mas o seu controlo passou para os visigodos em 456 e, nas décadas seguintes, transformou-se mesmo no principal bastião da autoridade goda no Ocidente peninsular.

A decapitação da coroa ditou a fragmentação da liderança sueva em duas facções, que haveriam de se unificar apenas em 464 na figura do rei Remismundo. Este monarca protagonizou uma estratégia diferente daquela que os seus antecessores haviam abraçado. Sobre o seu tempo, e em particular sobre os anos entre 465 e 468, Idácio traçou um quadro de beligerante atitude do soberano bracarense sobre populações da *Lusitania*, com ataques dirigidos contra os Aunonenses - instalados possivelmente na região de Tui (Candelas Colodrón, 2004, p. 253, nota 574; Quiroga e Lovelle, 1995-96, p. 435) -, várias acções de pilhagem e um violento ataque a *Conimbriga* - surpreendida em tempo de paz, como refere o cronista -, tendo este ainda afirmado que, após aquela campanha, a região e a cidade ficaram desertas: *regio desolatur et ciuitas* (Tranoy, 1974, vol. 1, p. 174). O registo literário inclui outras acções militares destrutivas sobre *Conimbriga*, por parte de suevos e de visigodos. A fazer fé nas informações de Idácio, em 465 os suevos obtiveram o poder da cidade por traição de alguns dos seus habitantes e apoderaram-se dos bens da célebre família *Cantabri*, que terá mesmo sido obrigada a abdicar do governo da urbe. É possível que a estirpe dos *Cantabri* tenha sido um entrave à integração de *Conimbriga* na esfera de influência sueva, não necessariamente porque estaria mais próxima dos visigodos, mas porque – o mais provável – pretenderia manter a sua situação de prática independência face aos blocos bárbaros que se posicionavam militarmente na *Hispania*. Tem-se assumido a destruição de *Conimbriga* como (mais) um exagero de Idácio (Fabião, 1993, p. 30), pois a desolação da cidade e respetivo aro regional não encontrou, até agora, sustentação arqueológica, para lá de um limitado nível de destruição que o arqueólogo Adriaan de Man associou à campanha sueva de 468 (Man, 2006, p. 67).

Apesar das cautelas com que o texto de Idácio deve ser encarado, confirma-se que,

entre 465 e 468, esteve em marcha uma estratégia de afirmação militar sueva na *Lusitania*. Esta ação motivou o reforço visigótico de Mérida e a organização de duas acções punitivas contra os suevos, mas também contra as comunidades romanas que haviam reconhecido o domínio dos soberanos de *Bracara Augusta*. Este último dado é revelador da nova estratégia seguida pela coroa sueva, no que à *Lusitania* diz respeito. Enquanto que, no ciclo expansionista anterior, o confronto entre nobres suevos e população autóctone hispano-romana foi uma constante, o rei Remismundo optou pelo reconhecimento da sua autoridade também por meios pacíficos. Em vez de atacar as províncias mais ricas do oriente peninsular e de alimentar uma vertigem de hegemonia que havia ditado a morte de Requiário e a quase extinção do bloco suevo, Remismundo alargou o poder na *Gallaecia* e expandiu a sua autoridade para a *Lusitania* também por meios pacíficos e diplomáticos, assim reforçando internamente o reino. Como Idácio salientou, tal estratégia não se fez sem violência, mas a progressiva convivência entre a elite sueva e as comunidades hispano-romanas é um dado atestado por outras fontes e deve mesmo ter caracterizado a ação dos soberanos bracarense nas décadas seguintes, não obstante tratar-se de um período mal conhecido.

O que sucedeu em Lisboa, em 468, leva a questionar as motivações da comunidade urbana de *Olisipo* para reconhecer a supremacia sueva sobre a cidade. Sob pressão militar, por medo de que Lisboa fosse atacada como ocorrera em *Conimbriga* quatro anos antes (a fazer fé no texto de Idácio), ou por estratégia da elite urbana local, *Lusidius* prescindiu (?) do poder de liderar a cidade e entregou-a a agentes suevos. Anos antes, em 457, e ainda de acordo com o testemunho de Idácio, o rei Maldras havia ocupado Lisboa *sub specie pacis* (Tranoy, 1974, vol. I, pp. 160-161), ou seja, uma paz ilusória, obtida pela possível convivência das autoridades urbanas,



FIG. 2

Mapa do reino suevo em meados do século V, em que se identifica o estatuto de Lisboa como cidade de fronteira (créditos de imagem: © Paulo Almeida Fernandes).

eventualmente sob imposição de tributo ou outro artifício que havia evitado a violência sobre a comunidade urbana olisiponense.

O colaboracionismo desta atitude fica demonstrado pelo facto de, alguns meses depois, o próprio *Lusidius* ter sido enviado como embaixador suevo à corte imperial romana (Orlandis, 1987, p. 45), estatuto que não teria sido decerto atribuído caso o governador de *Olisipo* tivesse demonstrado resistência à entrada sueva. É ainda possível que este *praeses* tivesse permanecido no cargo de governador da cidade, pois alguma historiografia admite que tenha sido ele a tentar negociar uma entrada pacífica dos visigodos em Lisboa (Silva e Man, 2012, p. 397), possivelmente já em 469. A confirmar-se esta sucessão de acontecimentos, em apenas



FIG. 3

Baixo-relevo alusivo aos santos mártires de Lisboa, inserido na fachada principal da igreja do antigo mosteiro de Santos-o-Velho

(créditos de imagem: © Paulo Almeida Fernandes).

um ano, *Lusidius* acordou com os suevos a entrega da cidade, foi enviado a Roma como delegado de Remismundo e voltou ainda a tempo de negociar uma frustrada cedência de Lisboa aos visigodos.

A passagem de *Olisipo* para o lado visigótico é menos conhecida. Idácio escreveu que, tendo os visigodos sabido dos acontecimentos em Lisboa (a integração pacífica no bloco suevo), lançaram uma campanha cruel sobre suevos e hispano-romanos na província, pilhando mesmo algumas cidades. Se o texto de Idácio estiver na sua sequência original,

só depois destas destrutivas acções godas é que *Lusidius* foi enviado a Roma, certamente para defender a autoridade bracarense sobre a cidade da foz do Tejo e eventualmente sobre a restante *Lusitania*. A embaixada imperial de Remismundo destinou-se a tentar enfraquecer a posição visigótica, então crescente no ocidente peninsular. E quem melhor que o último governador romano de Lisboa para defender os argumentos suevos? Esta interpretação pode ainda significar que, provavelmente, a elite urbana lisboeta preferia manter-se do lado suevo.



FIG. 4

Imposta alto medieval procedente da igreja do antigo mosteiro de Santos-o-Velho. Museu Arqueológico do Carmo, Lisboa

(créditos de imagem: © Célia Nunes Pereira).

Na mesma passagem, o prelado flaviense esclarece que os visigodos tinham acabado de chegar, o que indica que data de 468-469 a opção definitiva goda pela *Hispania*, certamente em resposta à pressão franca. A partir de Mérida, as tropas de Eurico terão recuperado rapidamente “toda a Lusitânia” (Tranoy, 1974, vol. II, p. 126), o que não está, todavia, provado, pois o setor setentrional lusitano, onde se incluía *Conimbriga*, manteve-se sob autoridade sueva até 585. A seguir, dirigiram-se para a Tarraconense, onde tomaram Tarragona à força, assim abrindo caminho à

plena unificação territorial entre o reino de Toulouse e o bastião Mérida e, a seu tempo, à própria constituição do reino visigodo como bloco essencialmente hispânico.

... e o primeiro bispo da cidade

A cidade que suevos e visigodos dominaram era ainda romana, mas estava já em grande transformação, denotando sinais até contraditórios de afirmação da romanidade e de desestruturação da ordem imperial. As mutações urbanísticas verificadas neste

período são analisadas em capítulo próprio do projeto editorial *Lisboa Romana*, mas importa esclarecer que, entre as mudanças que estão na génese da cidade medieval, está a emergência do cristianismo como religião dominante e actuante na topografia urbana e peri-urbana de *Olisipo*.

O cristianismo não foi uma novidade trazida pelos povos bárbaros. Mas foi, seguramente, sob domínio visigótico que esta religião se consolidou no quotidiano lisboeta. As etapas iniciais desta evolução são difíceis de caracterizar, sobretudo pela escassez de dados acerca da implantação cristã na topografia altomedieval da cidade. As informações mais consistentes dizem respeito apenas ao século VI, época a que pertencem os materiais arquitetónicos e funerários resgatados na área fronteira ao Palácio Penafiel e que podem associar-se à primitiva igreja de São Mamede (Diogo, 1994, p. 232; Real, 1995, p. 54; Silva e Man, 2012, p. 399; Fernandes e Fernandes, 2014, pp. 233-235). Data também deste período o episcopado de Paulo, prelado olisiponense que esteve presente no importante concílio visigótico realizado em Toledo, em 589 (Jorge, 2001, p. 139), reunião magna da cúpula goda que significou a conversão da família real à corrente cristã nicena, por oposição à ariana.

Antes disso, subsistem indícios de uma lenta progressão do cristianismo em *Olisipo*, mais lenta do que em outras cidades do Ocidente peninsular (Fernandes, 2020, no prelo). O primeiro momento é o lendário martírio de Júlia, Máxima e Veríssimo, supostamente três irmãos condenados à morte, no âmbito de perseguições contra cristãos realizadas após o édito de 303 do imperador Diocleciano. Os mais antigos documentos sobre este martírio não

apresentam uniformidade de género dos mártires, aparecendo por vezes Máximo e Veríssima (Nascimento, 2007, p. 164, nota 96). A lenda continua com o lançamento dos corpos dos mártires às águas do Tejo, tendo o rio devolvido os cadáveres num local a ocidente da cidade romana, onde mais tarde veio a construir-se o mosteiro de Santos (o - Velho), lugar de enterramento e de memória daqueles fundadores mártires da igreja olisiponense.

Do edifício religioso, de que o cronista que acompanhou os cruzados na conquista de Lisboa de 1147 deixou testemunho, ao mencionar três pedras que a intolerância islâmica (presume-se que almorávida) não conseguira destruir, procede uma imposta quadrangular a que foi já atribuída cronologia visigótica (Almeida, 1966-67, p. 228). Formalmente, é um elemento de suporte, destinado a receber o empuxo de um arco sobre o respetivo pilar, embora esteja hoje exposto de forma invertida no Museu Arqueológico do Carmo. Este elemento arquitectónico, de origem romana, foi afeiçoado em época indeterminada, possivelmente altomedieval, altura em que recebeu uma sumária decoração irregular, cuja tipologia não encontra paralelo com outro material procedente de Lisboa.

A partir desta peça, não é possível assegurar a existência de culto aos mártires olisiponenses em contexto suevo-visigótico. Tal como o registo escrito também não admite essa certeza. A mais antiga alusão aos três santos é tardia, já do século IX e em contexto carolíngio: o martirológio de Usuardo, escrito entre 850 e 865 (Maciel, 1996, p. 41; Jorge, 2001, p. 88), seguramente antes de 875, data aproximada para o falecimento do seu autor. No ocidente peninsular, os vestígios do seu

FIG. 5

Página 164 da *História Eclesiástica da Diocese de Lisboa*, de Rodrigo da Cunha (créditos de imagem: © Biblioteca Nacional de Portugal).

*Bernar.
2. p. lib.
5. c. 23.
Brand.
3. p. Mo
narch.*

setentrionaes, como na dos Mouros, quando a conquistou nosso primeiro Rey dom Affonso Enriquez, como referem os Chronistas Frey Bernardo de Brito, & Frey Antonio Brãdão. Trataõ as vidas destes Santos, alem dos autores referidos Morales lib. 10. cap. 14. Padilha centur. 4. cap. 19. Petr. à Natal. lib. 11. cap. 130. n. 368. Garibay tom 1. cap. 44. Marieta em seos Santos de España 1. par. lib. 2. cap. 20. Thesaurus Concionat. tom. 2. Bibliot. Hispan. fol. 107. Frey Diogo do Rosario em seu Flos Sanctorũ: Vasconcel. fol. 448. Frey Luis dos Anjos, & outros muitos. Governaraõ a Igreja de Deos por estes annos, dous Pontifices, Marcelino, & Marcelo, que durarãõ todo o império de Diocleciano, em cujo tempo succedeo este martyrio, como fica dito.

CAP. XIX.

Potamio quinto Bispo de Lisboa.



Aminhamos taõ cegos nesta historia pelas rezoẽs referidas nos ca

pítulos antecedentes, que não topamos em o discurso de 189 annos, prelado algum de Lisboa, q̃ não padecesse duuidas, & contradicções; tal foi sempre o descuido de nossos naturaes. Ouue algũs, que quizerãõ pôr no tempo, de que vamos escreuendo, a Potamio, varaõ insigne em seu primeiro governo, ainda que depoes apostata Ariano, & daõ com elle principio certo ao Catalogo dos nossos Bispos. Porem sendo Ambrosio de Morales só o autor, que allegaõ em proua disto, como original desta opiniaõ, sem que a achemos escrita em nenhum dos antigos, não basta a sua autoridade, se bem he grã de na historia, para que lhe demos toda a fé humana, que merecem seos escritos; quando o Cardeal Cesar Baronio, que na ecclesiastica tem hum dos primeiros lugares, o não constitue por Bispo, ainda que o acula por herege, & companheiro de Ursacio, & Valente, allegando para isso Sebadio Bispo na França, escriptor daquelles tempos.

2 Porem, já que não faltaraõ autores Portuguezes, que nesta opiniaõ seguirãõ a Morales, deixando outro tam autorizado, como he Baronio, & q̃

offerecia

culto são igualmente tardios, sendo conhecidas referências documentais a nove igrejas consagradas a estes santos nos condados asturiano-leoneses de Coimbra e de Portucale (Gouveia, 2007, p. 392).

Subsiste, todavia, uma via de análise que admite a vitalidade do culto aos mártires olisiponenses em época visigótica. No mosteiro de Santos-o-Novo conserva-se a arca tardo-gótica com as suas supostas relíquias, para ali trasladadas aquando da construção deste novo cenóbio, em 1490. As análises químicas (radiocarbono) realizadas a parte do conjunto osteológico ali reunido (no qual convivem elementos de sete humanos e outros restos não humanos), revelaram intervalos cronológicos entre 449 e 599 e entre 423 e 634 (Antunes e Cunha, 1991, pp. 30 e 35). Desta forma, é possível atribuir à segunda metade do século V ou a inícios da centúria seguinte a reunião deste espólio osteológico no conjunto das relíquias atribuídas aos primeiros santos olisiponenses. Este dado é indireto, pois não há qualquer indicação acerca do momento em que os restos terão sido ali depositados, nem qual a sua proveniência.

Lendários são também os primeiros bispos olisiponenses, cujos nomes alguma historiografia recolheu: *Mancius*, *Gens* e um terceiro prelado que teria sido escolhido por São Pedro de Rates. Sobre *Januarius*, que esteve presente no concílio de Elvira, não é segura a sua relação com a catedral lisboeta, como esclareceu Ana Maria Jorge.

Diferente é o panorama acerca do primeiro bispo documentado da cidade: Potâmio. O seu nome consta das actas do 3.º Concílio de Sirmio (atual Mitrovica, Sérvia), celebrado em 357 por ordem do imperador Constantino II, sendo esse documento, assinado a mais de 3000 km de Lisboa, o primeiro testemunho da diocese de *Olisipo*. Dois anos antes, já como bispo de Lisboa, embora não se saiba desde que data, Potâmio havia aderido à corrente ariana, razão pela qual se deslocou

a Sirmio, na companhia de Ósio de Córdoba, possivelmente o mais importante prelado da *Hispania* à época e uma voz de militante observância da ortodoxia nicena.

Depois de Potâmio assinar a fórmula ariana proposta pelo imperador, possivelmente cedendo às pressões políticas do momento (Mattoso, 1992, p. 287), Constantino II agraciou-o com um rico património fundiário na *Lusitania*, cuja localização exacta se desconhece. Já foi sugerida a hipótese de se tratar da *uilla* de Odrinhas, ou que o próprio bispo tenha aí promovido a construção de uma residência, servida por igreja e baptistério (Wolfram, 2013, p. 286). O prelado lisboeta escreveu tratados e correspondeu-se com o patriarca Atanásio de Alexandria, um dos mais acérrimos adversários do arianismo. É admissível que tenha sido essa relação a determinar o seu regresso à ortodoxia nicena em 359, possivelmente pouco antes de falecer, sendo consensuais as abordagens que colocam o seu desaparecimento ao redor de 360, embora sem outros dados de certificação (Moreira, 1969, p. 213).

A sua adesão ao arianismo, por episódica e oportunista que possa ter sido, foi alvo de condenação por parte de outros religiosos seus contemporâneos. Hilário de Poitiers parece ter sido um feroz adversário. Ainda antes de findar a década de 50 do século IV, referiu-se a Potâmio como um dos redactores da fórmula ariana de Sirmio (Maciel, 1996, pp. 38-39), o que o transformaria num ideólogo da heresia e não apenas num mero seguidor.

Naqueles meados do século IV, o debate doutrinário entre arianos e nicenos fazia-se à escala europeia. Para a Península Ibérica, a querela só haveria de terminar mais de dois séculos depois, em 589, no 3.º concílio de Toledo, no qual se celebrou a conversão da família real visigótica à corrente nicena. No tempo de Potâmio, *Arius* (Ário), presbítero de Alexandria responsável pela difusão do arianismo, havia falecido há pouco tempo

e estava em marcha o trabalho evangelizador de Úlfilo junto de importantes núcleos de comunidades bárbaras. Em síntese, o arianismo considerava Jesus como uma figura humana da Santíssima Trindade, negando-se assim a consubstancialidade entre Deus e o Seu filho. Esta interpretação foi considerada heterodoxa no concílio de Niceia, celebrado em 325, que estabeleceu a dupla natureza de Jesus: humana e divina.

O impacto internacional do primeiro bispo de Lisboa, cujo nome sugere uma origem grega, não se repetiu nas décadas seguintes. Mas a sua ação terá sido importante o suficiente pois, décadas depois do seu falecimento, foi ainda criticado por *Faustinus* e *Marcellinus* (Jorge, 2001, p. 103), dois presbíteros luce-ferianos (corrente anti-ariana mais radical) que, entre 383 e 384, redigiram uma petição ao imperador, conhecida por *De confessione uerae fidei*. Nesse documento, menciona-se *Potamius Olyssiponae ciuitatis episcopus* (Potâmio, bispo da cidade de Lisboa).

Os primeiros passos que o cristianismo deu na *Olisipo* do século IV não parecem ter tido

consequência direta. Na verdade, essas primeiras evidências parecem hoje mais ténues do que uma certa historiografia tradicional, produzida sobretudo nas décadas centrais do século XX, quis fazer ver. Não é certo que o culto de Júlia, Máxima e Veríssimo tenha sido difundido logo após o seu lendário martírio e o bispo Potâmio, não obstante o seu razoável grau cultural (Mattoso, 1992, p. 287), parece ter tido mais impacto nas discussões doutrinárias do seu tempo do que propriamente na comunidade lisboeta, com a qual, de resto, parece ter pouco a ver. A sua origem oriental pode até relacionar-se com um núcleo grego que habitou em Lisboa, embora os vestígios materiais mais fidedignos deste grupo surjam apenas no século VI. De Potâmio não ficaram outras notícias relacionadas com a progressão do cristianismo e só mais de dois séculos depois é que a cidade revela os primeiros vestígios materiais consistentes com uma topografia citadina cristã (sobretudo com a revelação de uma área cemiterial intra-muros, associada à antiga igreja de São Mamede) e uma mais estável lista de prelados.

Notas

¹ Agradecimentos: Amílcar Guerra; Ana Caessa; Lídia Fernandes; Rodrigo Banha da Silva.

Referências

- AA.VV. (2012) - *Cira-Arqueologia 1. Mesa redonda de Olisipo a Ierabriga*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal.
- Alarcão, J. (1994) - Lisboa romana e visigótica. In *Lisboa subterrânea*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia / Lisboa Capital Europeia da Cultura 94 / Electa, pp. 58-63.
- Alarcão, J. de (2017) - *A Lusitânia e a Galécia: do séc. II a. C. ao séc. VI d. C.* Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Almeida, F. (1966-67) - Mais pedras visigóticas de Lisboa e do grupo lusitânico. *Arquivo de Beja*. Beja: Câmara Municipal, 23-24, pp. 224-240.
- Almeida, J. M. de (1992) - *De Olisipo a Lisboa*. Lisboa: Cosmo.
- Álvarez Martínez, J. M. (2015) - El tamar del Puente romano de Mérida y la navegabilidad del Ana. *Revista de Estudios Extremeños*. Badajoz: Diputación Provincial; Centro de Estudios Extremeños, 71:1, pp. 37-66.
- Álvarez Martínez, J. M.; Carvalho, A.; Fabião, C. eds. (2015) - *Lusitânia Romana. Origem de dois povos*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Amaral, V. B. de (1947) - Lenda, história e epopeia de Lisboa. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal, 34:3, pp. 33-38.
- Amaro, C. (1993) - Vestígios materiais orientalizantes do Claustro da Sé de Lisboa. *Estudos Orientais*, Lisboa: Instituto de Estudos Orientais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 4, pp. 183-192.
- Antunes, A. S.; Oliveira, J. M.; Manso, C. R. (no prelo) - Os fornos do Convento de Corpus Christi (Lisboa, Portugal). *IX Congresso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos Uma viagem entre o Oriente e o Ocidente do Mediterrâneo e as suas periferias*. Mérida. 22-26 de Outubro 2018. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida.
- Antunes, M. T., Cunha, A. S. (1991) - *Santos Mártires de Lisboa. Espólio osteológico de Santos-o-Novo*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Arancibia Román, A.; San José, L. G.; Juzgado Navarro, M.; Dumas Peñuelas, M.; Sánchez Moreno, V. M. (2011) - Aportaciones de las últimas intervenciones a la arqueología fenicia de la Bahía de Málaga. In Martí Aguilar, M. Á., eds. - *Fenícios en Tartessos: nuevas perspectivas* (British Archaeological Reports. International Series 2245). Oxford: Archaeopress, pp. 129-149.
- Arruda, A. M. (1993) - A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da expansão fenícia para a fachada atlântica peninsular. In *Estudos Orientais 4 (Actas do Encontro "Os Fenícios no território português)*. Lisboa: Instituto de Estudos Orientais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 4, pp. 193-214.
- Arruda, A. M. (2002) - *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a. C.)*. (Cuadernos de Arqueología Mediterránea, 5-6) Barcelona: Universidad Pompeu Fabra.
- Arruda, A. M. (2003) - Contributo da colonização fenícia para a domesticação da terra portuguesa. In *Ecohistoria del paisaje agrario – la agricultura fenicio-púnica en el Mediterráneo*. Valencia: Universidad, pp. 205-217.
- Arruda, A. M. (2005) - O 1º milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 4.ª série, 3, pp. 9-156.
- Arruda, A. M. (2017) - A Idade do Ferro Orientalizante no Vale do Tejo: as duas margens de um mesmo rio. In Celestino Pérez, S.; Rodríguez González, E., eds. - *Territorios Comparados: Los valles del Guadalquivir, el Guadiana y el Tajo en época tartésica*. (Anejos de AEspA LXXX). Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida, pp. 283-294.
- Arruda, A. M.; Bugalhão, J.; Sousa, E. (2013) - Uma necrópole na praia: o cemitério romano do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção Geral de Património Cultural, 16, pp. 243-275.
- Arruda, A. M.; Pereira, C.; Pimenta, J.; Sousa, E.; Gomes, J.; Detry, C. (2018) - Chões de Alpompé (Vale de Figueira, Santarém): lendas e narrativas. *Spal. Revista de Prehistória y Arqueología*, Sevilla: Universidad, 27, pp. 201-227.
- Arruda, A. M.; Sousa, E.; Barradas, E.; Batata, C.; Detry, C.; Soares, R. (2017) - O Cabeço Guião (Cartaxo - Portugal): um sítio da Idade do Ferro no Vale do Tejo. In Celestino Pérez, S.; Rodríguez González, E., eds. - *Territorios Comparados: Los valles del Guadalquivir, el Guadiana y el Tajo en época tartésica* (Anejos de AEspA LXXX). Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida, pp. 319-361.
- Arruda, A. M.; Sousa, E.; Pimenta, J.; Mendes, H.; Soares, R. (2014) - Alto do Castelo's Iron Age occupation (Alpiarça, Portugal). *Zephyrus*. Salamanca: Universidad, 74, pp. 143-155.
- Arruda, A. M.; Sousa, E.; Pimenta, J.; Soares, R.; Mendes, H. (2017a) - Fenícios e Indígenas em contacto no Estuário do Tejo. *Ophiussa*. Lisboa: Uniarq - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, 1, pp. 79-90.
- Azevedo, L. M. de (1652) - *Fundação, antiguidades e grandeza da muy insigne cidade de Lisboa*. Lisboa: Officina Craesbeckiana.
- Barros, L.; Cardoso, J. L.; Sabrosa, A. (1993) - Fenícios na margem sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado de Almaraz - Almada. *Estudos Orientais*. Lisboa: Instituto de Estudos Orientais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de

- Lisboa, 4, pp. 143-181.
- Barros, L.; Soares, A. M. (2004) – Cronologia absoluta para a ocupação orientalizante da Quinta do Almaraz, no estuário do Tejo (Almada, Portugal). *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 4.ª série, 22, pp. 333-352.
- Blot, M. L. P. (2003) - *Os portos na origem dos centros urbanos. Contributo para a arqueologia das cidades marítimas e flúvio-marítimas em Portugal*. Lisboa: Instituto Português de Património Cultural.
- Brito, Fr. B. de (1690) – *Monarchia Lusitana*. Lisboa: Officina Craesbeckiana.
- Caetano, M. T. (2007) - O «último porto de Ulisses»: história, urbanismo e arte de *Felicitas Iulia Olisipo*. In *Revista Portuguesa de História da Arte*. Lisboa: Instituto de História de Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 4, pp. 54-117.
- Calado, M.; Almeida, L.; Leitão, V.; Leitão, M. (2013) - Cronologias absolutas para a I Idade do Ferro em Olisipo – O exemplo de uma ocupação em ambiente cársico na atual Rua da Judiaria em Alfama. *Cira-Arqueologia (O Tejo, palco de interação entre indígenas e Fenícios)*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal, 2, pp. 118-132.
- Calado, M.; Pimenta, J.; Fernandes, L.; Filipe, V. (2013) - Conjuntos cerâmicos da Idade do Ferro do teatro romano de Lisboa: as cerâmicas de engobe vermelho. *Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 141-149.
- Candelas Colodrón, C. (2004) – *O cronicón de Hidacio, bispo de Chaves*. Noia: Toxosoutos.
- Caninas, J.; Cardoso, G.; Henriques, F. Monteiro, M.; Sabrosa, A. (2006) – Três novas jazidas da Idade do Ferro em Torres Vedras. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, 2ª série, 14, p. 6.
- Cardoso, G. (1991) – *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal.
- Cardoso, G. (2012) – Sondagens arqueológicas nos fortes do Casal do Cego e da Carvalha (Arruda dos Vinhos). *Al-Madan*, Almada: Centro de Arqueologia de Almada, 2ª série, 17, pp. 168-169.
- Cardoso, G.; Amaro, C.; Batalha, L. (2018) - O Sítio Arqueológico do Alto da Casa Branca (Tapada da Ajuda, Lisboa). *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, 2ª série, 22, 1, pp. 35-40.
- Cardoso, G.; Didelet, C.; Leitão, E. (2017) - Vestígios da Idade do Ferro ao Período Medieval em Monsanto. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, 2ª série, 21, pp. 163-164.
- Cardoso, G.; Encarnação, J. (2013) - O povoamento pré-romano de Freiria – Cascais. *Cira-Arqueologia 2: O Tejo, palco de interação entre indígenas e Fenícios*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal, 2, pp. 133-180.
- Cardoso, G.; Gonzalez, A. (2008) – Novos dados sobre Arruda dos Vinhos na Idade do Ferro. *Actas do IV Seminário do Património da Região Oeste*. Arruda dos Vinhos: Câmara Municipal, pp. 127-133.
- Cardoso, J. L. (2004) – *A Baixa Estremadura dos Finais do IV milénio a.C. até à chegada dos romanos: um ensaio de história regional* (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 12). Oeiras: Câmara Municipal.
- Cardoso, J. L.; Arruda, A. M.; Sousa, E. (2014) - Outurela I e Outurela II, dois pequenos sítios da Idade do Ferro a norte do estuário do Tejo (Concelho de Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 21, pp. 393-428.
- Cardoso, J. L.; Cardoso, G. (1993) – *Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras* (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 4). Oeiras: Câmara Municipal.
- Cardoso, J. L.; Silva, C. T. (2012) – O casal agrícola da Idade do Ferro de Gamelas 3 (Oeiras). *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 5.ª série, 2, pp. 355-400.
- Cardoso, J. L.; Tavares da Silva, C.; Martins, F.; André, C. (2010/2011) – O casal agrícola da I Idade do Ferro de Leão (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal, 18, pp. 75-102.
- Carvalhinhos, M.; Mota, N.; Miranda, P. (2017) – Indagações arqueológicas na muralha antiga de Lisboa: O lanço oriental entre a Alcáçova do Castelo e o miradouro de Santa Luzia. *I Encontro de Arqueologia de Lisboa. Uma cidade em escavação. (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Novembro de 2015)*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa/Centro de Arqueologia de Lisboa, p. 299-336.
- Correia, A. A. M. (1949) – Onde veio o nome de Lisboa? *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal, 42:3, pp. 5-21.
- De Francisco Martin, J. (19962) - *Conquista y romanización de Lusitania*. Salamanca: Universidad.
- De Man, A. (2006) - Conimbriga. *Do Baixo Império à Idade Média*. Lisboa: Sílabo.
- De Man, A. (2008) - *Defesas urbanas tardias da Lusitânia*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto [policopiado].
- Dias, V. (2013) – A cerâmica campaniense proveniente dos sítios arqueológicos da cidade de Lisboa. Uma abordagem preliminar. In *Arqueologia em Portugal 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 717-726.
- Dimas, S. (2015) – A substância de Deus uno e trino na dinâmica misteriosa da sua ação criadora e redentora, na apologia de Potâmio de Lisboa contra o arianismo. In *Redenção e escatologia. Estudos de filosofia, religião, literatura e arte na cultura portuguesa*. Vol. 1, Tomo 1. Lisboa: Nota de Rodapé Edições, pp. 101-117.
- Diogo, A. M. D. (1994) – Fragmento de sepultura paleocristã (entrada de catálogo). In *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia / Lisboa Capital Europeia da Cultura/ Electa, pp. 231-232.
- Encarnação, J.; Cardoso, G. (2017) – O sítio arqueológico do Espigão das Ruivas (Cascais). In Arnaud, J. M.; Martins, A., coords. - *Arqueologia em Portugal / 2017: Estado da questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 955-966.

- Fabião, C. (1992) - A romanização do atual território português. In Mattoso, J., ed. – *História de Portugal*, Vol. I. Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 202-299.
- Fabião, C. (1993) – Idácio de Chaves. In Medina, J., dir. – *História de Portugal*. Vol. 3. Lisboa: Ediclube, p. 30.
- Fabião, C. (2004) – Arqueologia Militar romana da Lusitânia: textos e evidências materiais. In Pérez-González, C.; Illarregui, E. coords – *Actas Arqueología Militar Romana en Europa*. Salamanca: Junta de Castilla y León / Universidade Internacional SEK, pp. 53-73.
- Fabião, C. (2014) – Por este rio acima: a bacia hidrográfica do Tejo na conquista e implantação romana no ocidente da Península Ibérica. In *CIRA Arqueologia*, 3. *Atas do Congresso Internacional de Arqueologia Conquista e Romanização do Vale do Tejo*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal, pp. 9-24.
- Faria, A. M. de (1999) – Colonização e Municipalização nas províncias Hispano- Romanas: Reanálise de alguns casos polémicos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2:2, pp. 29-50.
- Faria, A. M. de (2003) – Pax Iulia, Felicitas Iulia, Liberalitas Iulia. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 4:2, pp. 351-362.
- Fernandes, L. (2017) - Teatro romano de Lisboa: as ruínas e o seu Museu ou como a arqueologia promove o diálogo educacional. *Revista Temporis [Ação]. Dossiê Práticas Arqueológicas e Educação Patrimonial*. Goiás, 17:1, pp. 88-123. Disponível em WWW: (URL: <http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>).
- Fernandes, L., Fernandes, P. A. (2014) - Entre a Antiguidade Tardia e a Época Visigótica: novos dados sobre a decoração arquitectónica na cidade de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa: IGESPAR, 17, pp. 225-243.
- Fernandes, L.; Pimenta, J.; Calado, M.; Filipe, V. (2013) - Ocupação sidérica na área envolvente do teatro romano de Lisboa: o Pátio do Aljube. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa: IGESPAR, 16, pp. 167-185.
- Fernandes, P. A. (2019a, no prelo) – Olisipona: a cidade entre a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média. In *Nova Lisboa Medieval*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais.
- Fernandes, P. A. (2019b, no prelo) – 585. A ilusão da unidade. In Tavares, R., *Portugal. Uma retrospectiva*. Lisboa: Tinta da China.
- Fernandes, R. M. R. (1985) – Ulisses em Lisboa. *Euphrosyne*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, Nova série, 13, pp. 139-161.
- Filipe, V. (2015) - As ânforas do teatro romano de Olisipo (Lisboa, Portugal): campanhas 2001-2006. *Spal. Revista de Prehistoria y Arqueologia*, Sevilla: Universidad, 24, pp. 129-163.
- Filipe, V.; Calado, M.; Figueiredo, M.; Castro, A. (2013) – Intervenção Arqueológica na Rua do Espírito Santo, Castelo (Lisboa). Do romano republicano à época contemporânea: dados preliminares. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Lisboa 2ª série. 17, pp. 6-12.
- Filipe, V.; Calado, M.; Leitão, M. (2014) – Evidências orientalizantes na área urbana de Lisboa: o caso dos edifícios na envolvente da Mãe de Água do Chafariz d'El Rei. In Arruda, A. M., ed. – *Fenícios e Púnicos, por Terra e Mar*, 2. *Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*. Lisboa: Uniarq - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, 2, pp. 736-746.
- França, J. C. (1949) – A estação Pré-Histórica do Alto das Perdizes. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 12: 1-2, 16-113.
- Gener Basallote, J. M.; Navarro García, M. A.; Pajuelo Saéz, J. M.; Torres Ortiz, M.; López Rosendo, E. (2014) – Arquitectura y urbanismo de la Gadir fenicia: el yacimiento del “Teatro Cómico” de Cádiz. In Boto, M., ed. – *Los Fenícios en la Bahía de Cádiz: Nuevas investigaciones* (Colezione di Studi Fenici 46). Pisa-Roma, pp. 14- 50.
- Góis, D. de (1554 [1937]) – *Descrição da cidade de Lisboa*, trad. Raúl Machado. Lisboa: Livraria Avelar Machado.
- González de Canales, F.; Serrano Pichardo, L.; Llompart Gómez, J. (2004) – *El emporio fenicio precolonial de Huelva (c. 900 – 770 a.C.)*. Huelva: Editorial Biblioteca Nova.
- Gouveia, M. (2007) – O culto dos santos mártires de Lisboa na fronteira ocidental do reino de Leão (séc. X-XI). In *Lisboa Medieval. Os rostos da cidade*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 388-399.
- Gouveia, M. (2012) – Hidácio de Chaves e a Galécia do século V. *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da universidade Nova de Lisboa, 29, pp. 201-216.
- Guerra, A. (1995) – *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*. Lisboa: Colibri.
- Guerra, A. (2002) – A Península de Lisboa no I milénio a. C.: Uma breve síntese à luz das fontes e dos dados arqueológicos. *Turres Veteras IV. Actas de Pré-história e História Antiga*. Torres Vedras: Câmara Municipal, pp. 119-128.
- Guerra, A. (2004) – *Caepiana*: uma reavaliação crítica do problema da sua localização e enquadramento histórico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 7:2, pp. 217-235.
- Guerra, A. (2005) – O promontório Magno: Perspectivas da geografia antiga sobre o extremo ocidental da Hispânia. *Actas do Congresso “A Presença Romana na Região Oeste”*. Bombarral: Câmara Municipal, pp. 119-129.
- Henriques, S. (2006) – *A Cerâmica Cinzenta da Idade do Ferro da Quinta do Almaraz, Almada, Cacilhas*. Tese de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa [policopiado].
- Isla Frez, A. (2007) – El lugar de habitación de las aristocracias en época visigoda, siglos VI-VIII. *Arqueología y territorio medieval*. Jaén: Universidad, 14, pp. 9-19.
- Jorge, A. M. (2001) - *L'épiscopat de Lusitanie pendant l'Antiquité Tardive (IIIe-VIIe siècles)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

- Leguay, J. P. (1993) - O Portugal germânico. In Serrão, J. e Marques, A. H. O., *Nova História de Portugal (II)*. Lisboa: Presença, pp. 13-115.
- López Castro, J. L. (1995) - *Hispania Poena. Los fenícios en la Hispania Romana*. Barcelona: Crítica /Arqueologia.
- Machado, J. P. (1984) - *Dicionário etimológico onomástico da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência.
- Maciel, M. J. (1996) - *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal*. Lisboa: ed. Autor.
- Mantas, V. G. (1990) - As cidades marítimas da Lusitânia. In *Les Villes de la Lusitanie Romaine. Hiérarchies et Territoires. Table ronde internationale du CNRS*. Talence – 1988 (Collection de la Maison des Pays Ibériques. 42). Paris : CNRS, pp. 149-205.
- Mantas, V. G. (2004) - Vias e portos na Lusitânia romana. In Gorges, J.-G.; Cerrillo, E.; Nogales, T., eds. - *V Mesa Redonda Internacional sobre Lusitania Romana: Las Comunicaciones (Cáceres, 2002)*. Madrid: Ministerio de Cultura, pp. 427-453.
- Mantas, V. G. (2012) - *As vias romanas da Lusitânia*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- Marques, A. H. O. (1994) - 3. Lisboa evolução: séculos V a VIII. In Santana, F., Sucena, E., eds - *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, p. 509.
- Marques, G. (1982-83) - Aspetos da proto-história do território português. II – Povoado de Santa Eufémia (Sintra). *Sintria*. Sintra: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, 1/2, pp. 59-88.
- Matias, C. (2003) - Serra do Socorro. Uma aproximação à sua caracterização arqueológica no contexto da Estremadura Atlântica. *Boletim Cultural*. Mafra: Câmara Municipal, pp. 308-358.
- Mattoso, J. (1992) - A difusão do Cristianismo na Hispânia. In Mattoso, J., *História de Portugal (1)*. Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 283-287.
- Melo, A. A.; Valério, P.; Barros, L.; Araújo, M. F. (2014) - Práticas metalúrgicas na Quinta do Almaraz (Cacilhas, Portugal): vestígios orientalizantes. In Arruda, A. M., eds. - *Fenícios e Púnicos, por Terra e Mar. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos, II*. Lisboa: Uniarq – Centro e Arqueologia da Universidade de Lisboa, pp. 712-742.
- Miranda, J.; Encarnação, G.; Viegas, J. C.; Rocha, E.; Gonzalez, A. (1999) - *Carta Arqueológica do Concelho da Amadora. Do Paleolítico ao Romano*. Amadora: Câmara Municipal.
- Monteiro, M.; Cardoso, G. (2016) - A ocupação da Idade do Ferro na Serra de Monte Deixo: Moinhos Velhos e Moinho da Mariquitas (Torres Vedras). *EMERITA - Estudos de Arqueologia e Património Cultural*. 2, pp. 6-20. Disponível em WWW: (URL: www.emerita.pt).
- Moreira, A. M. (1969) - *Potamius de Lisbonne et la controverse arienne*. Lovain: Bibliothèque de l'Université.
- Mota, N.; Pimenta, J.; Silva, R. B. da (2014) - Acerca da ocupação romana republicana de *Olisipo*: os dados da intervenção na Rua do Recolhimento n.ºs 68-70. In *CIRA Arqueologia*, 3. *Atas do Congresso Internacional de Arqueologia Conquista e Romanização do Vale do Tejo*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal, pp. 149-117.
- Nascimento, A. A. (2003) - Os epónimos míticos de Lisboa: Ulisses, Hércules e outros – títulos de nobilitação. In: Ventura, A., ed. - *Presença de Victor Jabouille*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 31-53.
- Nascimento, A. A. (2006) - Ulisses em Lisboa: Mito e Memória. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Letras*. Lisboa: Academia das Ciências, 37, pp. 195-224.
- Nascimento, A. A. (2007) - *A conquista de Lisboa aos mouros. Relato de um cruzado*. 2.ª ed. Lisboa: Vega.
- Neto, N.; Rebelo, P.; Ávila, R.; Rocha, M.; Zamora López, J. A. (2016) - Uma inscrição lapidar fenícia em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção Geral de Património Cultural, 19, pp. 123-128.
- Olaio, A. (2015) - *Ânforas da Idade do Ferro na Quinta do Almaraz (Almada)*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa [policopiado].
- Orlandis, J. (1987) - *Historia de España. Época visigoda (409-711)*. Madrid: Gredos.
- Palomo, S.; Arroyo, E. (2011) - Estudio del origen étnico a partir del ADN mitocondrial en dos individuos procedentes del solar del antiguo Teatro Cómico. *Informe realizado por el Laboratorio de Genética Forense y Genética de Poblaciones (Departamento de Toxicología y Legislación Sanitaria)*. Madrid: Facultad de Medicina de la Universidad Complutense de Madrid.
- Pimenta, J. (2005) - *As ânforas Romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. (Trabalhos de Arqueologia, 41) Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Pimenta, J. (2014) - Os Contextos da conquista: *Olisipo* e Decimo Júnio Bruto. In *CIRA-Arqueologia 3. Atas do Congresso Internacional de Arqueologia Conquista e Romanização do Vale do Tejo*: Vila Franca de Xira: Museu Municipal, pp. 44-60.
- Pimenta, J. P.; Mendes, H.; Arruda, A. M.; Sousa, E.; Soares, R. (2014) - Do pré-romano ao Império: a ocupação humana do Porto de Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos). *Magos*. Salvaterra de Magos: Câmara Municipal, 1, pp. 39-57.
- Pimenta, J., Calado, M.; Leitão, M. (2005) - Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia 8:2, pp. 313-334.
- Pimenta, J., Calado, M.; Leitão, M. (2014) - Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: a intervenção da Rua de São João da Praça. In Arruda, A. M., ed. - *Fenícios e Púnicos, por Terra e Mar. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos, vol. II*. Lisboa: Uniarq – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, pp. 712-742.
- Pimenta, J., Henriques, E.; Mendes, H. (2012) - *O acampa-*

- mento romano de Alto dos Cacos – Almeirim. Almeirim: Associação de Defesa do Património Histórico e Cultural do Concelho de Almeirim.
- Pimenta, J., Silva, R.; Calado, M. (2014) – Sobre a ocupação pré-romana de *Olisipo*: a Intervenção Arqueológica Urbana da Rua de São Mamede ao Caldas 1. In Arruda, A. M., ed. – *Fenícios e Púnicos, por Terra e Mar. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos, vol. II*. Lisboa: Uniarq – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, pp. 736-746.
- Pimenta, J.; Arruda, A. (2014) – Novos dados para o estudo dos Chões de Alpompe – Santarém. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal, 21, pp. 375-392.
- Pimenta, J.; Gaspar, A.; Gomes, A.; Mota, N.; Miranda, P. (2014) – O estabelecimento romano republicano de *Olisipo*: estrutura e contextos do Beco do Forno do Castelo, Lote 40 (n.1620) – Lisboa. In *Cira-Arqueologia*, 3. *Atas do Congresso Internacional de Arqueologia Conquista e Romanização do Vale do Tejo*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal, pp. 122-148.
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2010-2011) – Novos dados sobre a presença fenícia no vale do Tejo. As recentes descobertas na área de Vila Franca de Xira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal, 18, pp. 591-618.
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2013) – 1.ª Campanha de escavações arqueológicas no povoado pré-romano de Porto do Sabugueiro, Muge – Salvaterra de Magos. *Cira-Arqueologia* 2. *O Tejo, palco de interação entre indígenas e Fenícios*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal, pp. 195-219.
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2015) – Casal dos Pegos I e o Povoamento Orientalizante do Rio da Silveira (Vila Franca de Xira). *Cira-Arqueologia*, 2. *O Tejo, palco de interação entre indígenas e Fenícios*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal, pp.19-54.
- Pimenta, J.; Mendes, H.; Madeira, F. (2009) – O Povoado pré-romano de Castanheira do Ribatejo, Vila Franca de Xira. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IGESPAR, 12: 2, pp. 177-208.
- Pimenta, J.; Ribera I Lacombe, A.; Soria, V. (2018) – Le ceramiche a vernice nera italica dei livelli di fondazione di *Olisipo* e *Valentia* (140–130 a.C.). *Rei Cretariae Romanae Fautores. Acta* 45. Bonn, pp. 1-11.
- Pimenta, J.; Sousa, E.; Amaro C. (2015) – Sobre as mais antigas ocupações da Casa dos Bicos, Lisboa: da *Olisipo* pré-romana aos primeiros contactos com o mundo itálico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção Geral de Património Cultural, 18, pp. 161-180.
- Pimenta, P., Soares, A. M.; Mendes, H. (2013) – Cronologia absoluta para o povoado pré-romano de Santa Sofia (Vila Franca de Xira). *Cira-Arqueologia*, 2. *O Tejo, palco de interação entre indígenas e Fenícios*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal, pp. 181-194.
- Pinto, C. V.; Parreira, R. (1978) – Contribuição para o estudo do Bronze Final e do Ferro Inicial a norte do Estuário do Tejo. *Actas das III Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (1977). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 147-163.
- Quiroga, J. L., Lovelle, M. R. (1995-96) – De los vándalos a los suevos en Galicia: una visión crítica sobre su instalación territorial en el noroeste de la Península Ibérica en el siglo V. *Studia Historica: Historia Antigua*. Salamanca: Universidad, 13-14, pp. 421-436.
- Real, M. L. (1995) – Inovação e resistência: dados recentes sobre a antiguidade cristã no ocidente peninsular. In *IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, Universitat de Barcelona, Universidade Nova de Lisboa, pp. 17-68.
- Resende, A. de (1593 [1996]) – *As antiguidades da Lusitânia. Introdução, tradução e comentário de R. M. Rosado Fernandes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ribeiro, J. Cardim (1994) – *Felicitas Iulia Olisipo*. Algumas considerações em torno ao catálogo Lisboa Subterrânea. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, II.ª Série, 3, pp. 75-95.
- Ribeiro, J. Cardim (2011) – *Soli Aeterno Lunae* – Cultos astrais em época pré-romana e romana na área de influência da Serra de Sintra: Um caso complexo de sincretismo? In *Diis Deabusque. Actas do II Colóquio Internacional de Epigrafia “Culto e Sociedade”*. Sintra: Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas, pp. 595-624.
- Ribeiro, J. Cardim (2013) – Ptolomeu, Geogr. II, 5, 6: XPHTINA ou *APHTINA? In: *Vir Bonus Peritissimus Aequae. Estudos de Homenagem a Arnaldo Espírito Santo*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, pp. 343-379.
- Ribeiro, J. Cardim (2016) – Ad Antiquitates Vestigandas. In: González Germain, G., ed. – *Peregrinationes ad inscriptiones colligendas. Estudios sobre epigrafía de tradición manuscrita*. Barcelona: Universitat de Barcelona, pp. 135-249.
- Rocha, A.; Reprezas, J. (2014) – *O Forte do Alqueidão. Arqueologia e História. Da Idade do Ferro às Invasões Napoleónicas. Cadernos da CILT*. Sobral de Monte Agraço: Centro de Interpretação das Linhas de Torres.
- Ruivo, J. (1991) – O conflito sertoriano no ocidente hispânico: o testemunho dos tesouros monetários. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 70, pp. 91-100.
- Ruivo, J. (1993-1997) – A circulação monetária na estremaadura portuguesa até aos inícios do século III d.C. *Nummus*. Porto: Sociedade Portuguesa de Numismática, 2.ª Série, 16-20, pp. 7-178.
- Schulten, A. (1952) – *Fontes Hispaniae Antiquae VI. Estrabón, Geografía de Iberia*. Barcelona: Librería Bosch.
- Serrão, E. C.; Vicente, E. P. (1980) – A sepultura do Rei Mouro (uma estação da Idade do Ferro) – Negrais (Sintra). *Arqueologia*. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, 1, pp. 28-35.
- Silva, A. V. da (1949) – Fantasia sobre as origens do nome de Lisboa. *Olisipo*. Lisboa: Grupo “Amigos de Lisboa”, 12(46), pp. 67-74.
- Silva, R. B. da (1999) – Urbanismo de *Olisipo*: a zona ribeirinha. In: *Atas das Sessões do II Colóquio Temático «Lisboa Ribeirinha» (Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de julho de 1997)*. Lisboa: Divisão de Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa, pp. 43-65.

- Silva, R. B. da (2014) – Intervenção arqueológica urbana de 1993 na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva/ Largo das Portas do Sol (Lisboa): As evidências do período romano. In *Cira-Arqueologia, 3. Atas do Congresso Internacional de Arqueologia Conquista e Romanização do Vale do Tejo*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal, pp. 178-198.
- Silva, R. B., De Man, A. (2012) - Palácio dos Condes de Penafiel: a significant late antique context from Lisbon. In *X Congresso Internacional A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*. Silves: Câmara Municipal de Silves, pp. 397-402.
- Sousa, A. de (1948) - *O nome de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal.
- Sousa, A. de (1968) - *Novos elementos para o estudo do nome de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal.
- Sousa, E. (2014) - *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo* (Estudos e Memórias, 7). Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
- Sousa, E.; Guerra, S. (2018) – A presença fenícia em Lisboa: novos vestígios descobertos no alto da Colina do Castelo de São Jorge. *Saguntum*. Valencia: Laboratório de Arqueologia, 50, pp. 57-88.
- Sousa, E.; Pimenta, J. (2014) – A produção de ânforas no Estuário do Tejo durante a Idade do Ferro. In Moraes, R.; Fernández, A.; Sousa, M. J., eds. – *As Produções Cerâmicas de Imitação na Hispânia, I*. Porto: Faculdade de Letras, pp. 303- 316.
- Sousa, E.; Pinto, M. (2016) – A ocupação da Idade do Ferro na colina do Castelo de São Jorge (Lisboa, Portugal): novos dados das escavações realizadas na Rua do Recoilhimento/Beco do Leão. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa: Era – Arqueologia, Conservação e Gestão de Património, 11, pp. 59-67.
- Sousa, E.; Sarrazola, A.; Simão, I. (2016) – Lisboa pré-romana: contributos das intervenções arqueológicas na Rua da Madalena. *Apontamentos de Arqueologia e Património*, Lisboa: Era – Arqueologia, Conservação e Gestão de Património, 11, pp. 69-79.
- Tranoy, A. (1974) – *Hydace. Chronique*. 2 vols. Paris: Les Editions du Cerf.
- Valério, P.; Silva, R. J. C.; Araújo, M. F.; Soares, A. M.; Barros, L. (2012) – A multianalytical approach to study the Phoenician bronze technology in the Iberian Peninsula - a view from Quinta do Almaraz. *Materials Characterization*. 67, pp. 74-82.
- Vasconcelos, J. L. de (1911) – *Lições de Philologia Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- Veloso, A. (1949) – Esta palavra “Lisboa”. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal, 40, pp. 6-22.
- Wolfram, M. (2013) – O poder durante a Antiguidade Tardia no império romano ocidental e na Lusitânia em particular. In *Saberes e poderes no mundo antigo (2)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 283-293.
- Zamora López, J. A. (2014) – Palabras fluidas en el extremo Occidente. Sobre un nuevo grafito fenicio, hallado en la desembocadura del Tajo, que recoge un posible

topónimo local. In Bádenas de La Peña, P.; Cabrera Bonet, P.; Moreno Conde, M.; Ruiz Rodríguez, A.; Sánchez Fernández, C.; Tortosa Rocamora, T., eds. – *Homenaje a Ricardo Olmos: Per speculum in aenigmate*. Madrid: Asociación Cultural Hispano-Helénica, pp. 306-314.

Autores Clássicos

ESTRABÃO - *Geografia. Livro III: introdução, tradução do grego e notas de Jorge Deserto e Susana da Hora Marques Pereira*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016.

Notas Biográficas dos Autores

AMÍLCAR GUERRA

UNIARQ - Centro de Arqueologia
da Universidade de Lisboa.
Faculdade de Letras.
Centro de História da Universidade
de Lisboa. Faculdade de Letras.
aguerra@campus.ul.pt

ANA MARGARIDA ARRUDA

UNIARQ - Centro de Arqueologia
da Universidade de Lisboa.
Faculdade de Letras.
a.m.arruda@letras.ulisboa.pt

ANA SOFIA ANTUNES

Centro de Arqueologia de Lisboa (CAL) |
Departamento de Património Cultural (DPC)
| Câmara Municipal de Lisboa (CML).
UNIARQ – Centro de Arqueologia
da Universidade de Lisboa.
Faculdade de Letras.
ana.sofia.antunes@cm-lisboa.pt

ELISA DE SOUSA

UNIARQ – Centro de Arqueologia
da Universidade de Lisboa.
Faculdade de Letras.
e.sousa@campus.ul.pt

JOÃO PIMENTA

Centro de Estudos Arqueológicos
de Vila Franca de Xira (CEAX)
UNIARQ - Centro de Arqueologia
da Universidade de Lisboa.
Faculdade de Letras.
joao.marques@cm-vfxira.pt

PAULO ALMEIDA FERNANDES

Museu de Lisboa | EGEAC| Câmara
Municipal de Lisboa (CML).
Centro de Estudos em Arqueologia, Artes
e Ciências do Património da Universidade
de Coimbra (CEAACP | FLUC).
Instituto de Estudos Medievais
da Universidade Nova de Lisboa
(IEM | FCSH-UNL).
paulofernandes@egeac.pt

Projeto Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*

PELOURO DA CULTURA Catarina Vaz Pinto	Municipal da Amadora; Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos; Câmara Municipal de Cascais; Câmara Municipal de Loures; Câmara Municipal de Mafra; Câmara Municipal de Moita; Câmara Municipal de Oeiras; Câmara Municipal de Palmela; Câmara Municipal de Seixal; Câmara Municipal de Sesimbra; Câmara Municipal de Sintra; Câmara Municipal de Torres Vedras; Câmara Municipal de Vila Franca de Xira; Centro de Arqueologia de Almada; Direção Geral do Património Cultural (DGPC); DGPC/ Direção Regional de Cultura do Norte; DGPC/ Museu Nacional de Arqueologia (MNA); EGEAC – Cultura em Lisboa (Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural E.M.); Empark Portugal – Empreendimentos e Exploração de Parques, S.A.; Empatia – Arqueologia Lda.; Eon – Indústrias Criativas LDA.; Eurostar Museum Hotel (Lisboa); Era – Arqueologia, Conservação e Gestão de Património S.A.; Geopark/Naturtejo da Meseta Meridional; Geopark / UNESCO / Oranização das Nações Unidas para a Educação, ciência e Cultura; Hotel Governador (Belém, Lisboa) / NaulHotels & Resorts; Museu Arqueológico do Carmo/ Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu do Dinheiro/ Banco de Portugal; Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS); Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC)/ Fundação Millennium BCP; Neoépica – Arqueologia e Património LDA.; The7 Hotel	(Lisboa); Veiga de Mago – Sociedade de Serviços Financeiros e Investimentos LDA.; Egas Moniz - Cooperativa de Ensino Superior/ Instituto Universitário Egas Moniz e Centro de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz (CIEM); Universidade de Aveiro - Unidade de Investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas; Universidade de Coimbra/ Faculdade de Letras/ Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP); Universidade de Évora / Laboratório Hércules; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Arquitetura/ Forma Urbis LAB; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Ciências/ Departamento de Geologia; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ); Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa (CEC); Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Instituto de História de Arte (ARTIS); Universidade de Lisboa/ Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSIP); Universidade Nova de Lisboa/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Instituto de Estudos Medievais (IEM); Universidade Nova de Lisboa/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas /Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA); Universidade Nova de Lisboa/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Departamento de História de Arte.
DIREÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA Manuel Veiga		
DEPARTAMENTO DE PATRIMÓNIO DA CULTURA Jorge Ramos de Carvalho		
CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA António Marques		
COORDENAÇÃO GERAL Jorge Ramos de Carvalho		
GESTÃO DE PROJETO Inês Morais Viegas (coord.) – DPC/DMC/CML António Marques – CAL/DPC/DMC/CML Cristina Nozes – CAL/DPC/DMC/CML Manuel Oleiro – EGEAC		
PARCEIROS DO PROJETO ArqueoHoje – Arqueologia, Conservação e gestão de Património LDA.; Câmara Municipal de Alcochete; Câmara Municipal de Alenquer; Camara Municipal de Almada; Câmara		

Livro

TÍTULO Lisboa Romana <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> , Território e Memória	Maria do Rosário Carvalho Mário Cachão Paulo Almeida Fernandes	TIRAGEM 1.500 exemplares
COORDENAÇÃO DO VOLUME Amílcar Guerra - UNIARQ/ FLUL	COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO Ana Caessa – CAL/DPC/DMC/CML Ana Sofia Antunes – CAL/DPC/DMC/CML Cristina Nozes – CAL/DPC/DMC/CML Inês Morais Viegas (coord.) – DPC/DMC/CML	EDIÇÃO CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
Maria da Conceição Freitas - DG/FCUL		CALEIDOSCÓPIO - EDIÇÃO E ARTES GRÁFICAS, SA Telef.: (+351) 21 981 79 60 Fax: (+351) 21 981 79 55 caleidoscopio@caleidoscopio.pt www.caleidoscopio.pt
Mário Cachão - DG/FCUL	© Câmara Municipal de Lisboa, autores dos textos de cada volume e editora Caleidoscópio.	ENDEREÇO DE EMAIL DO PROJETO lisboaromana@cm-lisboa.pt
INVESTIGAÇÃO E AUTORIA Amílcar Guerra Ana Maria Costa Ana Margarida Arruda Ana Sofia Antunes Andrés Curras Carlos Marques da Silva Carlos Neto de Carvalho Elisa de Sousa Jacinta Bugalhão João Pimenta Maria da Conceição Freitas	DESIGN GRÁFICO José Ribeiro	FACEBOOK: https://www.facebook.com/lisboaromanaLX/
	ISBN 978-989-658-644-7	INSTAGRAM https://instagram.com/lisboaromana
	DEPÓSITO LEGAL 463308/19	TWITTER twitter.com/LisboaRomana